

Histórias de **P**ortugal

René Pélissier

**História das Campanhas
de Angola**

Resistência e Revoltas 1845-1941

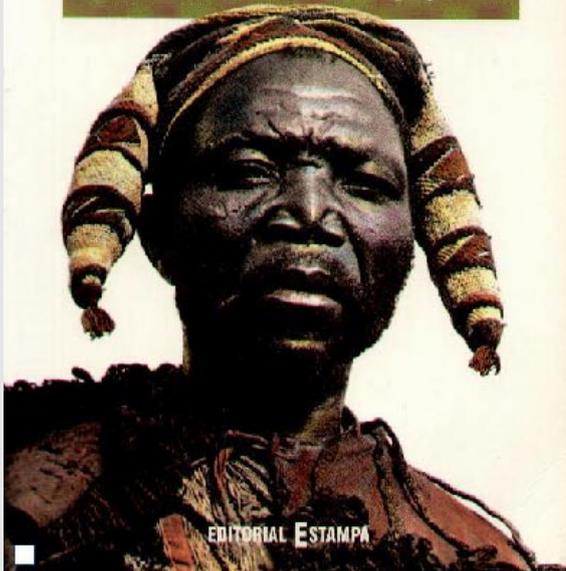


Histórias de **P**ortugal

René Pélissier

**História das Campanhas
de Angola**

Resistência e Revoltas 1845-1941



EDITORIAL ESTAMPA

História das Campanhas de Angola:

Novo, não inovador

Helena Wakim Moreno

Bacharel em História pela USP e mestranda em
História Econômica

Em 1875, chegava ao fim uma disputa que se arrastava há alguns anos, entre Portugal e Inglaterra. Ambos os países pretendiam a posse de Lourenço Marques, capital de Moçambique: interessava à Inglaterra ter esse ponto de contato com o oceano Índico, além de uma saída para o mar; e a Portugal era essencial manter sua posição em Lourenço Marques para garantir a posse de terras na porção oriental do continente africano. A decisão foi arbitrada pelo então presidente francês, o marechal Mac-Mahon. Ele decidiu a favor de Portugal.

A justificativa utilizada pelo marechal para fundamentar sua decisão foram os chamados direitos históricos de Portugal, em função da presença portuguesa na região datar do século XVI.¹ A decisão de uma disputa corriqueira legitimou em âmbito internacional algo que até então não tinha grande importância: o argumento dos direitos históricos portugueses, que foi repetido depois na Conferência de Berlim, mas não obteve o mesmo êxito.

De qualquer forma, a decisão de Mac-Mahon colocou para o mundo todo como verdade algo que até então Portugal dizia para si mesmo: sua posição era legítima devido a sua presença secular em África. Estas palavras atravessaram o século XIX e adentraram o século XX como um argumento considerado irrefutável.²

Foi justamente essa história tão bem tecida que motivou o historiador René Pélissier, já no final dos anos 1960, a verificar o histórico das relações entre Portugal e sua colônia de maior dinamismo econômico, Angola.

Sua obra *História das Campanhas de Angola*, editada em dois volumes pela Editora Estampa, partiu do questionamento de como teriam sido as décadas iniciais de ocupação portuguesa em Angola.³ O que parecia ser apenas algumas décadas tornou-se quase um século: o livro trata das campanhas realizadas entre os anos de 1845 até 1941. Como nos define o próprio Autor, trata-se de uma *história da “fronteira” portuguesa em marcha para as fronteiras internacionais da Angola da atualidade* (PÉLISSIER, 1997, v.1, p. 19). O estudo, além de narrar e fornecer algumas chaves interpretativas das campanhas, traz um enorme levantamento das principais motivações das mais de duzentas campanhas e dados acerca dos efetivos movimentados.

O resultado desse trabalho ainda merece destaque pelo fato do Autor ter tido acesso a arquivos inéditos, muitos dos quais até hoje permanecem pouco explorados. Já na *Introdução*, Péliissier frisa que a proposta de seu trabalho não é buscar uma nova interpretação para a importante questão que ele se coloca. O objetivo foi *uma história dos conflitos e dos atritos* (PÉLISSIER, 1997, v.1, p. 18) que fosse um mapa da questão e que pudesse dar conta de trazer para a academia questões desconhecidas ou que permaneciam no esquecimento.

O sucesso da ideia central do trabalho se fez de tal forma que o historiador tomou o mesmo argumento em relação às outras colônias e traçou obras com diretrizes semelhantes à *História das Campanhas de Angola*, como *História de Moçambique: formação e oposição*, *Timor em Guerra*, *História da Guiné* entre outros títulos.

Talvez a explicação para um estudo panorâmico seja justamente as posições de Péliissier em relação ao colonialismo. Como disse em entrevista ao jornal português *Expresso*, “não sou um adversário da colonização; sou, isso sim, um adversário do mito da colonização” (CASTANHEIRA, 2010). Assim, torna-se mais nítida a opção do Autor por um estudo mais panorâmico: se o horror gerado pelo colonialismo tivesse provocado aversão, o objeto teria exigido uma resposta que obrigaria uma busca dos efeitos das campanhas não apenas em termos estatísticos, mas na violência e no caos que imperavam nas colônias.

A violência do colonialismo português é em algumas passagens justificada pelo historiador como sendo algo brando e, portanto, digno de defesa: *diremos desde já, em abono dos Portugueses, que, ao contrário de muitos outros, eles só moderadamente recorrem a uma política terrorista para compensar sua fraqueza no terreno* (PÉLISSIER, 1997, v.2, p. 285).

Pélissier traz ao público, em um momento tão decisivo para Angola,⁴ um trabalho necessário que se apresenta como estudo das resistências, um viés dos críticos do colonialismo. Ao mergulhar no livro, o leitor se depara com uma obra repleta de novas informações e que de fato trata de guerra e resistência. A novidade é que aqueles a quem se resistia talvez não fossem tão dignos de tanta oposição. *História das Campanhas de Angola* consegue nos trazer dados novos, mas não uma interpretação inovadora. Salvo o “terrorismo moderado”.

PÉLISSIER, René; RUAS, Manuel. *História das Campanhas de Angola: resistência e revoltas 1845-1941*.1ª. Edição: 1986. Lisboa: Editorial Estampa, 1997, 2 vols.

Notas

1. Para a decisão pesou a rivalidade entre França e Inglaterra. Os dois países seriam os principais rivais durante a corrida colonial, apesar de perceptível a diferença das duas áreas de colonização: enquanto a França estendeu seu domínio sobre os países da África do Norte, a Inglaterra privilegiou a região da África Oriental em função de sua proximidade com a Índia.
2. Um caso que exemplifica de forma modular este tipo de afirmação é a mudança realizada pelo Estado Novo na década de 1950, durante o governo de António Salazar, quando as colônias passaram a ser designadas por “províncias ultramarinas”, pois Portugal era uma “nação multirracial e pluricontinental”.
3. Este argumento pretendia demonstrar que após séculos de contato a população de Portugal e das “províncias” era agora um só povo.
4. As campanhas militares eram empregadas contra as populações locais consideradas rebeldes, ou seja, que não haviam assinado o tratado de vassalagem que o Império Português lhes apresentava.
5. Essas campanhas eram em alguns casos verdadeiras guerras, contando com mais de 35 mil pessoas envolvidas no confronto, segundo o Autor.
6. A primeira edição francesa data de 1978.

Bibliografia

CASTANHEIRA, José Pedro. “René Pélissier: “Falar de cinco séculos de colonização portuguesa é uma burla!””. In: *Expresso*. 2 de agosto de 2010. Publicado em: <http://aeiou.expresso.pt/René-Pélissier--falar-de-cinco-seculos-de-colonizacao-portuguesa-e-uma-burla=f597300>